



O MILITAR DA RESERVA REMUNERADA E A INATIVIDADE(*)

Emir Benedetti

Matéria extraída de monografia produzida pelo autor como pré-requisito para sua diplomação pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Aborda problemática própria de todo aquele que se dedica, por gosto, à profissão que exerce. Calçada em pesquisa de campo, apresenta a realidade do militar da reserva remunerada do nosso Exército e sugere medidas que contribuam para modificá-la.

INTRODUÇÃO

“A profissão militar é mais do que uma ocupação; é todo um estilo de vida.”¹

Esta conceituação retrata as dificuldades com que se defrontam sociólogos, antropólogos sociais e outros especialistas das ciências do comportamento humano em analisar características, estruturas, papel, relacionamento interno ou externo com outros

grupos sociais, conflitos, e outros aspectos próprios dessa atividade profissional.

A sociologia é riquíssima em classificações e esquemas, conceitos e definições aplicáveis a atividades e profissões civis. Paupérrima porém o é para a profissão militar. Ao contrário do que ocorre em relação à Economia, à Família e à Moral, ainda não foi esboçado o delineamento de uma sociologia militar — embora exista uma sociologia da guerra, já consagrada. Há falta de elementos instrumentais para apreciação válida e fidedigna dessa profissão. E, sob o ponto de vista sociológico e das ciências do compor-

(*) Seleccionado pelo PADECEME

1 O Soldado Profissional — Um Estudo Social e Político, de Morris Janowitz, pág. 175.

tamento, a apreciação só é possível com o domínio de elementos operacionais.

Contudo, a permanência da profissão, desde a mais remota antiguidade, até os dias atuais, permite, pelo registro de suas atividades, a concordância quase intuitiva com a afirmação de que a profissão militar é "estilo de vida". A natureza e características desse estilo somente nela são reconhecidas.

Seu principal traço seria a aceitação voluntária, em caráter permanente, de uma consciência coletiva — maneira de sentir, pensar e agir — segundo a qual o profissional militar se transforma de "eu" em "nós". Por forte coesão, ou solidariedade, estabelece em seu meio, independente da maior presença física ou da contigüidade dos seus pares, um relacionamento primário que é a base da Instituição Militar. Sociologicamente, nada é mais certo que afirmar: o Exército é uma família! E família é o grupo onde, por excelência, predominam as relações primárias.

A consciência coletiva, também denominada consciência grupal, *Group Mind* e *Social Mind*, em essência está retratada, para o Exército Brasileiro, na Constituição Federal, no Estatuto dos Militares (E1-80) e na legislação pertinente. Essas normas estabelecem metas para as quais se voltam a formação, o treinamento, a avaliação, o emprego, a disciplina, e tudo aquilo que se relaciona com a carreira.

Partícipe voluntário de um grupo onde as exigências de renúncia pessoal são tão grandes e vasta a possibilidade de retiro desse convívio marcial por inadaptação, o profissional militar car-

rega consigo outra característica fundamental: a adesão. Em função dela, a voluntariedade cessa, a critério do participante. Na permanência, o "eu" cede lugar ao "nós".

Guardadas a voluntariedade, a permanência com adesão e a renúncia do "eu", o militar percorre uma curva de participação institucional, até o ponto onde, por idade, tempo de serviço, ou injunções de renovação de quadros, é excluído dos compromissos que deve cumprir no serviço ativo.

É o momento da transferência para a reserva remunerada que, na linguagem civil, corresponde à aposentadoria. Segundo o E1-80, ele passa a ser considerado na inatividade.

Não há dúvida de que esse é um momento crítico. O predomínio afetivo dos compromissos espirituais, a intensidade de uma labuta estendida por décadas, a participação direta ou indireta em todos os acontecimentos institucionais, sofrem uma parada brusca, anulam-se. Não existe uma fase intermediária que permita um desligamento gradativo das atividades, como o veículo em movimento que tenha reduzida a velocidade, até uma "doce parada".

O leitor deve perceber que, na figura construída, sendo impossível a frenagem, a parada será feita por choque.

No plano psíquico, é o trauma, um trauma de separação — a privação subjetiva.

Será assim mesmo? Haverá a privação subjetiva? Esta, em caso afirmativo, poderá ser minimizada? Poderá concorrer, para isso, o profissional

militar, ele próprio? O que poderá lhe proporcionar, nesse momento, o Exército? Que efeitos poderão resultar de uma situação mais interativa entre ele e a Instituição, no que tange à preparação para a inatividade?

A tais indagações, ou as respostas a elas, e sobre o militar da reserva remunerada e a inatividade, é dirigido este ensaio, realizado com apoio em pesquisa, cuja metodologia será descrita adiante.

A CARREIRA DAS ARMAS

A grandeza do soldado, a carreira das armas, a vida atuante e desmedidamente vivida, que leva o profissional militar a ter contatos e relacionamentos humanos intensos e diversos, as experiências adquiridas no dia-a-dia, os deveres e as obrigações, o amor ao trabalho, as decisões, os desgastes próprios da profissão, as recompensas e, até mesmo, as abnegações não reconhecidas são expressas em obras e depoimentos sobre a caserna, com riquíssima bibliografia.

Para melhor entendimento dos parágrafos subseqüentes transcrevem-se alguns trechos de *A Carreira das Armas*, obra do Cel Pedro Schirmer:

“A carreira das armas é uma longa estrada cheia de obstáculos, que, a todo momento, somos chamados a sobrepujar. Ao término de seu percurso, porém, o verdadeiro soldado pode constatar que as suas conquistas o foram pelos próprios méritos.”

“Ela é um processo educacional contínuo, porque, em cada degrau da

hierarquia, há muito que aprender e ensinar, para o aprimoramento das qualidades pessoais e o melhor desempenho no serviço.”

“O trabalho na carreira das armas é impessoal, posto que é voltado aos interesses maiores e sagrados da Pátria, objetivando resultados basicamente de ordem moral e espiritual, que, em última análise, acrisolam-se na satisfação do dever cumprido.”

“O soldado é parte integrante e dinâmica de uma instituição à qual hipotecou solidariedade irrestrita, no momento em que jurou defendê-la com o sacrifício da própria vida.”

“Do soldado, diz-se, exige-se muito: mas quando se constata que a exigência maior é a de um caráter firme e indissolúvel, verifica-se o quão pouco isso representa em termos de dedicação, posto que a um homem honrado corresponde um caráter férreo inerente à sua personalidade e imune às vicissitudes.”

“As lides do cotidiano não matam o bom profissional, que também é um idealista; ao contrário, forjam o seu caráter, retemperam suas energias e educam-no, fazendo com que passe garboso e invicto pelas ciladas do destino.”

“A carreira das armas é, talvez, a mais brilhante, a mais sublime e a mais honrosa profissão, porque nela se maneja as armas com vistas ao mais sagrado dos deveres, que é a defesa da Pátria. Para o soldado o dever prossegue além do marco onde termina o das demais classes.”

Os valores que aqui se destacam, marcantes na personalidade do militar,

não se extinguem na sua passagem à reserva. Por essa razão os detentores dessas virtudes, mesmo na condição de inativos, devem ser considerados pela Instituição, da mesma forma que seus companheiros do serviço ativo.

A INATIVIDADE EM PERSPECTIVA

Memento Homo,² início de conhecimento dístico dos campos santos, lembra que o homem tem existência finita e que a vida o obriga a refletir sobre a morte.

Durante o serviço ativo, o profissional militar deveria meditar, ou ser levado a pensar, sobre sua passagem para a inatividade. Poderia, assim, aprender a viver melhor a nova fase de vida, que inevitavelmente chegará.

O ingresso nessa etapa deve ter uma preparação pessoal tão antecipada quanto possível. E a Instituição deve engajar-se, também, nesse processo interativo, de forma que leve o militar da ativa a um desligamento dos seus compromissos, liberto de traumas.

Entretanto, de maneira geral, o militar da ativa prefere desconhecer o momento em que ingressará na inatividade. Esta é relatada como um quadro de esquecimento, indiferença e não serventia, em relação àquilo tudo que se acredita como valores militares.

De um velho militar inativo ouve-se curiosa e pitoresca observação: "Os

verdadeiros soldados vestem a farda por debaixo da pele. Não há como despojá-los dela. Só através da morte!"

A afirmação, vibrante, dá a entender claramente que o inativo se considera, e quer ser considerado e tratado, como soldado, e que lhe parece injusto, como de fato o é, que assim não seja. Ele não pode desde que privado da vibração castrense ("Faltame o toque de corneta", reclama o velho militar da frase anterior) permanecer inserido num quadro de esquecimento, indiferença e não serventia.

Ante essa possibilidade, o militar da ativa recusa-se a pensar no problema, apesar do desfecho inexorável.

A inatividade não é tão ruim assim. Com planejamento e preparação, pode tornar-se uma boa etapa da vida. Não obstante ela é como um problema a ser solucionado.

Como resolvê-lo? O que fazer? Do que se ocupar?

Motivos levam o indivíduo a realizar coisas de que gosta e rejeitar ações que não aprecia.

As motivações são, às vezes, suplantadas pelas obrigações pessoais, morais e financeiras.

A vida doméstica e os compromissos pessoais poderão preencher o tempo. Procure ser feliz. Até uma longa fila bancária poderá dar ensejo a um encontro casual que proporcione uma agradável prosa.

É necessário dar sentido aos fatos, e não atropelá-los; viver bem a inati-

² *Memento Homo quia es pulvis et in pulverem revertis*. Lembra-te, homem, que és pó e em pó te hás de tornar. (N. do Autor.)

vidade por um simples ato de vontade. E a inclinação a isso só exige dois passos: o segundo é o próprio viver bem na inatividade; o primeiro é descobrir as ações que coloquem o segundo ao alcance da mão.

O fim da atividade profissional precisa ser reconhecido, sem exceção, por todos os militares da ativa.

“O desfecho é o planejamento da nova situação, buscando motivações para outras coisas a fazer e rejeitando pensamentos sobre o que se deixou de fazer e se fazia por dezenas de anos.”³

O novo período da vida deve ser encarado como uma fase criativa, de novas conquistas e realizações. Uma etapa em que se procure fazer tudo aquilo que os deveres, as obrigações, ou as situações impediram de realizar anteriormente.

O que temer? O que esperar?

O militar que pautou seu estilo de vida, durante anos, pelo cumprimento rígido de normas próprias da caserna, passou a maior parte do tempo dedicado ao trabalho e longe da família. De repente, ele se defronta com um estilo totalmente novo.

Há de surgir dúvidas, questionamentos, temores. Temer-se-á o novo estilo, agora mais livre, e uma possível marginalização, pela perda do *status* profissional. Sentir-se-ão dúvidas

quanto ao círculo de amizade, a rotina e a desmobilização pessoal.

Entretanto, surgirão esperanças.

O tempo livre abrirá perspectivas para execução de outras atividades, uma vida menos austera, com menor carga de pressões e responsabilidades.

Segundo *Paul Cosway*: “Nessa fase nós nos tornamos menos sensíveis ao papel que representamos diante dos outros e tomamos mais consciência de nossas deficiências e virtudes. Portanto, a agenda de um aposentado é algo muito importante. Normalmente, o primeiro passo é pensar na melhor maneira de dar uma contribuição à sociedade, encorajando a criatividade e o desenvolvimento pessoal.”⁴

É preciso desprender-se da antiga rotina. Não idolatrar o passado, mas aceitar o presente. É importante estabelecer objetivos pessoais, para não se tornar apático. Buscar motivação para utilizar a capacidade existente, e planejar a nova etapa da vida, através da previsão de metas a serem atingidas, ao invés da execução de atividades isoladas.

Durante a inatividade, designada segunda metade da vida, é possível empregar parcelas da capacidade dispensada pelo serviço ativo, aliada à descoberta e compreensão de novas motivações, e eliminar hábitos eventualmente prejudiciais.

Para *Mannes Tidmarsh*, “o propósito da segunda metade da vida é a re-

3 Aposentadoria: O Repouso Merecido, de Antonio Gonçalves Meira — Rev. Clube Militar nº 293, pág. 4.

4 Aposentadoria: O Repouso Merecido, transcrito de “Shell World” — Rev. Clube Militar nº 292, págs. 37 e 38.

criação da própria vida: o objetivo é construir a própria personalidade, e não mais a melhoria profissional".⁵

A retirada da vida ativa deve corresponder a um enriquecimento interior. É chegada a hora de adquirir uma cultura individual e diversificada, desinteressada, mais original e selecionada.

Na inatividade é importantíssimo encontrar qualquer atividade que justifique o "existir", para materializar um sentido de vida.

É notório que a passagem para a reserva obriga o militar a renunciar ao comando, ao mando, e aceitar a perda da influência pessoal. Não é possível continuar comandando. Subconscientemente, entretanto, pode-se querer preservar a situação anterior. Nesse caso decorrerá uma vida de sofrimento, pois a realidade é bem diferente.

Quando o viver do militar inativo está extremamente ligado ao passado, há uma desvalorização do presente e as possíveis satisfações se extinguem, antes mesmo de concretizadas.

Deve-se, assim, canalizar toda energia para objetivos de curto prazo, que proporcionem maturidade pessoal e uma abertura interior para os novos tempos. Com certeza, isso irá tornar o inativo uma pessoa interessada, participante e realizada com o novo período que vive.

Não se pode viver no entardecer, segundo os programas do alvorecer profissional. O que era importante, agora não é mais. E a verdade de antes pode ser, agora, um erro.

Do poeta romano Ovídio é a afirmação: "São os fatos que tornam o homem velho. Não se há de viver provocando fatos que acelerem a velhice."

O RETORNO

Ultrapassada a primeira infância, a fase das aquisições, da socialização familiar, do "super-ego", enfim, a crise dos três anos, segue-se a segunda infância, onde os interesses gerais têm relevância maior.

Ingressa-se na escola. Aprende-se a conviver, a ceder e a respeitar a existência de outro caráter, e logo surge a crise dos sete anos.

Na terceira infância, a identificação com o genitor faz, do menino, o homem. E se forma o "Ego" ideal.

Com o passar dos anos, na adolescência, fase de estruturação e insegurança, passa-se à descoberta do Eu. Nessa etapa está em formação um plano de vida (escolha da profissão, da companheira) e de uma filosofia. Adentra-se harmoniosamente na sociedade, formam-se valores.

A seguir, percebendo-se e sentindo o mundo por um prisma pessoal, surge a imprescindível preparação para a fase seguinte, a fase adulta.

Para se ter êxito, há necessidade de se especializar e de se aprofundar em área limitada de conhecimento. Busca-se aquilo que falta à realização pessoal.

É justo nesse momento que se consolidam os valores, e se faz a opção pela carreira das armas.

Segundo Jung, o homem tem duas finalidades na vida. A primeira refere-

⁵ Aposentadoria: O Repouso Merecido. Ibidem Idem.

se à procriação, constituir família, com os necessários ganhos materiais e posição social. Na segunda, o homem ascende a conquista da maturidade. É a fase da cultura, da necessidade de alargar-se em plenitude humana, captando, assim, o sentido da própria vida.

A carreira das armas, por suas características, absorve a capacidade e a energia dos que a adotam. É profissão na qual somente os melhores conseguem sobrepujar todos os obstáculos, galgando posições e funções relevantes. O regime de dedicação integral e as exigências escolares percorridas e conquistadas fazem o militar ter um destacado devotamento profissional, para a conquista do objetivo maior, o topo da carreira.

Isso consome de trinta a quarenta anos. Desde a juventude, até o início da terceira idade.

Contraditoriamente, porém, a conquista desse objetivo vem estabelecer o fim da carreira. Isso traz, ao militar, o amargo sabor do regresso à fase anterior à sua opção profissional. Domina-o o sentimento de fracasso, por ter conquistado seu propósito e não lhe aproveitar o êxito. O tempo livre, o ócio, o poder de fazer o que quiser, a falta de obrigações o fazem, agora, retroceder à juventude, fase de organização e insegurança.

Há que enfrentar a nova etapa da vida, onde é forte a tendência a conjugar-se o verbo no passado. Ocorre, então, a crise interna, pelo choque entre valores cultuados desde a juventude e os atuais, como um arrebentar da fortaleza interior.

A transferência para a reserva re-

munerada afigura-se como um quadro de viuvez: "idêntico deve ser o vazio da ausência de uma boa e leal companheira de trinta ou quarenta anos. Ninguém ou nada a substituirá em nosso coração e em nossa lembrança. Esse vazio, essa ausência, na viuvez conjugal, corresponde a uma viuvez institucional, que é o afastamento da vida militar ativa, após tantos e tantos anos nela integrados".⁶ Mas não pode ser marcada pelo ingresso melancólico no mundo das reminiscências.

Para afastar esse amargo regresso, o sabor de fracasso, faz-se mister novo estudo de situação, real e prático. É necessário preparar-se para a difícil batalha, vencer a falta de motivação, buscar o alargamento da plenitude humana, captando o novo sentido da vida e descobrindo novos valores no seu interior.

QUESTIONÁRIO E LEVANTAMENTO DE DADOS

Depois do que foi exposto, da compreensão geral do assunto, serão apresentadas informações consolidadas e que fundamentaram o presente ensaio.

Um questionário foi elaborado e distribuído a militares inativos, pertencentes ao universo da reserva remunerada, residentes no Distrito Federal e nos Estados do Ceará, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Da sua aplicação resultaram amostras em diferentes níveis. Cento e cinquenta questionários foram distri-

6 Viuvez Institucional — Antonio Gonçalves Meira. Rev. Clube Militar nº 286 pág. 13.

búidos e 109 respostas foram obtidas (12 Oficiais-Generais, 36 Oficiais Superiores, 36 Oficiais do Quadro Auxiliar de Oficiais, QAO, e 25 Praças).

Além dos dados apurados, coletaram-se outros de fontes constantes da bibliografia assinalada nas chamadas de rodapé.

Oportuno é destacar a excepcional acolhida do questionário, por parte dos pesquisados, indício significativo da importância do assunto. Ela parece demonstrar certa ansiedade, diante de uma situação que não lhes seria cômoda, ou do efeito motivador, por serem centro de preocupações.

Nos próximos seis títulos deste trabalho serão apresentadas as reações dos pesquisados quanto a diferentes aspectos relacionados com a inatividade.

A DESPEDIDA DO SERVIÇO ATIVO

A exclusão do serviço ativo de que trata este ensaio é decorrência da transferência para a *Reserva Remunerada*.

Ela efetua-se "a pedido" e "ex-officio".⁷ "A pedido" quando se dá através de requerimento do militar interessado. A outra verifica-se quando o militar incide em uma das situações previstas no E1-80: idade-limite, tempo máximo de permanência no posto e quota compulsória, entre outras.

O resultado obtido entre os pesquisados, quanto à forma de sua passagem para a inatividade, foi o seguinte:

	A Pedido (%)	Ex-Officio (%)
Oficiais Generais	22,2	77,8
Oficiais Superiores	83,3	16,7
Oficiais QAO	76,5	23,5
Praças	100,0	0

OBSERVAÇÕES:

- Entre os Oficiais Generais, a transferência "a pedido" correspondeu aos que se anteciparam ao ingresso na quota compulsória. Esta, por outro lado, foi motivadora de todas as *ex-officio*;

- ao nível Oficiais Superiores, com ou sem o Curso de Comando e Estado-Maior, a transferência "a pedido" diz respeito aos que não vislumbraram maior perspectiva profissional ou resolveram desenvolver outra atividade remunerada. A "ex-officio" correspondeu àqueles que permaneceram no Exército até o limite permitido pela legislação e aos que almejavam, até a última instância, promoção ao Generalato (caso dos Oficiais do QEMA);

- nos demais universos, Oficiais QAO e Praças, principalmente neste último, a transferência "a pedido" baseou-se na impossibilidade de promoção, oportunidade em que a passagem para a reserva proporciona melhores condições financeiras. A "ex-officio" baseou-se no tempo de serviço máximo permitido e na idade-limite;

- raros foram os casos em que outros motivos (problema de saúde, próprio ou de familiar) obrigaram o militar a pedir transferência para a reserva.

7 Por dever do cargo.

Em relação ao ato formal regulamentar da despedida, praticamente todos os pesquisados afirmaram que as normas vigentes na IG 10-60⁸ estão adequadas às peculiaridades da carreira das armas. Isto porque reveste o ato de caráter solene, marcando, de forma indelével, o final da vida militar ativa, e traduz uma última demonstração de companheirismo e amizade em nome do Exército.

É indispensável que assim permaneça, porque mantém o espírito-de-corpo e torna a despedida tão significativa, quanto o ingresso na carreira.

ESTÍMULOS E DESESTÍMULOS PARA O INGRESSO NA INATIVIDADE

No momento em que se adquirem condições de transferência para a reserva, o militar se vê diante de um grande dilema: permanecer ou não na ativa?

A dúvida se agrava quando elementos externos à carreira, mas a ela vinculados, concorrem para a decisão: filhos ainda em sua dependência realizando curso superior, abandono do círculo social freqüentado pela família etc.

Estatisticamente, os estímulos para o ingresso na inatividade apurados na pesquisa foram: maior dedicação à família (24,3%); fixação definitiva de moradia (22,9%); falta de perspectiva

profissional (21,4%); busca de outra atividade remunerada (17,3%); possíveis movimentações ao final da carreira (5,0%); obtenção de maior liberdade individual (5,0%); frustração profissional (2,1%) e outros — saúde etc. (2,0%).

OBSERVAÇÕES:

- A *preocupação com a família*, se destaca, em comparação aos demais motivos;

- a *falta de perspectiva profissional* é mais evidente entre Praças e Oficiais QAO, quando, com tempo de serviço suficiente, percebem que uma futura promoção não é mais possível. Também sobressai entre os Oficiais Superiores, com ou sem o Curso da ECEME, entre os que se julgam sem condições de obter uma futura promoção, ou nada mais tenham a oferecer ao Exército;

- a *busca de outra atividade remunerada* está intimamente ligada àqueles que, com diploma de curso civil, perderam a perspectiva profissional. Visa a aumentar o poder aquisitivo, com o objetivo de proporcionar melhores condições de vida ao militar e familiares;

- os demais estímulos, de menor expressão, estão voltados para aspectos particulares.

Quanto aos desestímulos para o ingresso na inatividade, estatisticamente foram revelados: afastamento da atividade profissional (58,4%); suposta dificuldade de adaptação à inatividade (21,2%); possível futura promoção

8 Instruções Gerais para a Aplicação do Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Repeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas.

(9,5%); problema com moradia (8,0%) e outros (influência familiar etc., 2,9%).

OBSERVAÇÕES:

- Quanto ao afastamento da atividade profissional realça a perda do ambiente de trabalho, do companheirismo, do *status* e, também, a perfeita interação à carreira. Esse conjunto de aspectos torna-se mais concreto e marcante quando, já na inatividade, o militar se depara com a nova realidade, para a qual não se preparou adequadamente;

- a dificuldade de adaptação está vinculada à interrupção da atividade profissional, ao arraigado espírito militar e ao choque de valores;

- os desestímulos restantes dizem respeito àqueles que aguardaram a futura promoção, para assegurar maior remuneração; aos que, residindo em Próprio Nacional Residencial não são proprietários de casa própria, e a influência familiar (educação e atividades dos dependentes).

O DEFRONTAR COM A INATIVIDADE

O artigo *Nove Estorinhas Reservadas*, de autoria do Coronel R/1 Virgílio da Veiga, publicado na *Revista do Exército Brasileiro* e na *Revista do Clube Militar* revela, de maneira informal, alguns aspectos, conceitos e reações peculiares dos militares inativos.

Neste parágrafo será apresentado, sob o prisma distinto dos universos considerados na pesquisa, o impacto

que os integrantes sofreram quando do ingresso na inatividade.

Será mostrado através de respostas selecionadas, específicas a três quesitos do questionário, visando a uma avaliação real desse fato.

COMO ENCAROU A SUA PASSAGEM À INATIVIDADE?

Respostas dos Oficiais Gerais

Nos primeiros meses: com certa e natural perplexidade; como fato normal; com saudades; com certa frustração, por não ter sido promovido, mas sem rancor ou mágoa; com dificuldade de adaptação à nova situação.

Após: com alguma dificuldade de adaptação e aceitação do meio civil; com tranqüilidade, satisfeito por ter bem cumprido a tarefa no Exército e conhecer a legislação; realizado e feliz, por ter completado um ciclo de reconfortante tempo de viver e servir, a favor de uma causa nobre, em cumprimento do dever; como forma de tornar-me útil à família e à sociedade em geral; como oportunidade para desenvolver outros trabalhos.

Respostas dos Oficiais Superiores

Nos primeiros meses: normalmente, com tranqüilidade; foi verdadeiro impacto, tendo em vista o choque de valores entre a vida militar e a vida civil; com saudade imediata e intensa, pelo afastamento da atividade a que fui ligado por tão longo período; como fase de transição, encarando com naturali-

dade a nova situação e procurando a necessária ambientação ao novo sistema de vida; com muita saudade e um pouco de frustração, pela promoção não recebida, e por não poder utilizar minha capacidade; com muita tristeza, sonhava que me encontrava no quartel; de difícil aceitação e adaptação à nova vida; com sensação de haver tirado uma pesada "mochila", após uma marcha a pé de 40km, pelo alívio e descompromisso com as responsabilidades funcionais; pela oportunidade de exercer outra atividade remunerada.

Após: com sentimento de frustração por não poder aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida militar; com sensação de ociosidade; com crescente vazio e a necessidade de ocupar-me em uma atividade qualquer; com necessidade de adaptação à nova situação e à sociedade civil; normalmente, com a convicção íntima de ter deixado o Exército sem arrependimentos, porém, cada vez mais, com a saudade ampliada; naturalmente, sem qualquer trauma; com satisfação do dever cumprido; questionando se valeu tanta dedicação e tanto estudo para ser Oficial do Exército, e acabar tudo na mais completa perda de valores; com enorme dificuldade de adaptação ao meio civil, particularmente pela diferença de formação, ideais, crenças, convicções e opiniões.

Respostas dos Oficiais QAO

Nos primeiros meses: com naturalidade; com sensação de perda, frustração e vazio; com dificuldade de

adaptação; com sensação de ociosidade; como oportunidade para exercer outra atividade remunerada; como repouso merecido e remunerado; com sensação de incerteza e temor pelo que vinha pela frente; como fato inevitável; com imediata saudade.

Após: como contínua rotina; com sensação de insegurança, como se "lançado às feras", sem nenhuma proteção; naturalmente, como um fato inevitável; com crescente vazio interior; com necessidade de buscar oportunidade para suprir a lacuna deixada pela vida militar; com necessidade de integração com o meio civil; como prêmio justo e merecido, após mais de trinta anos dedicados ao Exército; com a satisfação do dever cumprido; com permanente saudade da caserna.

Respostas dos Praças

Nos primeiros meses: como algo inevitável; como oportunidade para uma maior dedicação à família; com imediata saudade da vida castrense; normalmente, sem mágoas ou frustrações; assustado, pela falta de preparo para enfrentar a nova situação.

Após: com a satisfação do dever cumprido; com constante saudade do tempo da caserna; com sensação de ociosidade; com naturalidade, como um fato normal e inevitável; em busca de uma perfeita adaptação à nova vida.

**A PASSAGEM PARA A
INATIVIDADE REPRESENTOU
AQUILO QUE ERA**

IMAGINADO? CORRESPONDEU À SUA EXPECTATIVA? POR QUÊ?

Respostas dos Oficiais

Sim: preparei-me pessoalmente para tal; ao longo da carreira, aproveitei todas as oportunidades para observar companheiros da reserva, o que me ajudou a condicionar meu comportamento; novos tempos, novo estilo de vida, deparei-me com novos desafios e os enfrento com a experiência adquirida e acumulada.

Não: na realidade nunca imaginei como seria essa nova etapa da vida, sem expectativa; a diferença de tratamento é muito grande entre o Oficial General da ativa e o da reserva e, como consequência, o choque é grande.

Respostas dos Oficiais Superiores

Sim: através de exemplos vividos por companheiros mais antigos; por estar preparado para as adversidades ao final da carreira; já sabia da pouca atenção que a Instituição dispensa ao pessoal da reserva; por preparo pessoal; nunca alimentei ilusões, nem premissas sonhadoras.

Não: o vazio foi maior que o imaginado; não imaginei nada, nem mantive qualquer expectativa em relação à inatividade; mesmo preparado pessoalmente, o impacto superou o esperado; pensava que o Exército considerasse o inativo como um integrante; só passei a pensar na inatividade depois da passagem para a re-

serva, ocupado que sempre estive com os afazeres profissionais, quando na ativa; pensava que a inatividade era uma coisa muito ruim, idéia que se formou ao longo do tempo, através de conversa com colegas inativos, mas não foi aquilo que disseram.

Respostas dos Oficiais QAO

Sim: preparo pessoal; exemplo vivido por companheiros mais antigos.

Não: dificuldade de adaptação à nova situação; não pensava que o afastamento da vida militar fosse tão penoso; não imaginava nada, nem mantive qualquer expectativa.

Respostas dos Praças

Sim: preparo pessoal; exemplos vividos por companheiros mais antigos.

Não: não tinha expectativas em relação à inatividade; não me preocupei.

O QUE REALMENTE REPRESENTOU O SEU INGRESSO NA INATIVIDADE?

Respostas dos Oficiais Gerais

Um fato inexorável; nova oportunidade para questionar minha própria postura diante da vertiginosa evolução dos fatos e acontecimentos; agradável sensação de haver cumprido meu destino e ter contribuído, de alguma forma, para o engrandecimento do Exército; reconhecimento justo aos mais de quarenta anos de dedicação ao Exército; desmoroamento de um sonho acalentado durante mais de 40 anos; uma grande frustração, passei

a não ser mais "gente"; perda de um espaço ocupado por algumas décadas e o aumento do universo familiar.

Respostas dos Oficiais Superiores

Absoluta disponibilidade de tempo; oportunidade de maior dedicação à família; um continuar a viver do passado; satisfação do dever cumprido; repouso merecido após a missão cumprida; possibilidade de obtenção de recursos financeiros; mudanças de costumes e início de nova vida; fim da carreira militar, seqüência normal da vida; certeza da necessidade de ocupar o tempo ocioso e disponível; sensação de inutilidade; grande derrota por não ter sido promovido ao posto de General-de-Brigada; mais liberdade de ir e vir, de expressão etc.; sensação de que, terminada a carreira, terminava uma vida ativa, um ideal e uma esperança — por outro lado, facultou-me uma imensa liberdade de agir e pensar.

Respostas dos Oficiais QAO

O cumprimento de uma missão no Exército; fim da carreira militar; merecido descanso; oportunidade de maior dedicação à família; sensação de inutilidade; início de uma nova vida; maior expansão no círculo de amizades e maior conhecimento do meio civil; oportunidade para desempenhar outra atividade remunerada.

Respostas dos Praças

Oportunidade para uma maior dedicação à família; sensação do cum-

primento do dever; um grande tempo livre; o fim da carreira militar.

OBSERVAÇÕES:

- Os três tópicos abordados apresentaram múltiplas respostas baseadas, exclusivamente, na própria experiência, particular e profissional. Muitas, porém, se não idênticas, são convergentes, pois o embasamento da formação militar é comum a todos;

- todas as respostas, com exceção da referente à procura de uma outra atividade remunerada, estão ligadas a aspectos psicológicos. São sentimentos de inadaptação, frustração, inutilidade, abandono, satisfação do dever cumprido, saudosismo e o despertar para uma nova etapa. Enfim, elementos imensuráveis;

- dentro desse quadro, após minuciosa análise cabe ao militar da reserva remunerada viver de acordo com suas conclusões positivas, aproveitando o novo período de vida para planejar atividades a executar, ampliando interesses ou criando novas motivações. Isto não importa em desligar-se do passado, objeto sempre de culto, mas em viver o presente e almejar o futuro;

- da mesma forma, reforça a importância da participação do Exército no preparo dos seus integrantes para o ingresso na inatividade. Ela deve ter cunho nitidamente psicológico, para eliminar ou reduzir os efeitos negativos que surgem.

AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA NOVA ETAPA DA VIDA

A maioria dos militares sente necessidade de ocupar o espaço de tempo que surge, para tornar apreciável e proveitosa a nova etapa da vida.

Há, de forma generalizada, o querer sentir-se útil e valorizado, estabelecer novos objetivos e metas, para evitar, a todo custo, a apatia.

Na reserva, o principal problema não é a falta de capacidade, mas a falta de motivação para utilizá-la.

O emprego dessa aptidão para o exercício de atividades varia de indivíduo para indivíduo, conforme interesses e aspirações.

Abaixo é mostrada a consolidação da pergunta: "Quando do seu ingresso à inatividade, procurou exercer outras atividades? Por quê?"

	SIM %	NÃO %
Oficiais Gerais	56	44
Oficiais Superiores	86	14
Oficiais QAO	77	23
Praças	80	20

OBSERVAÇÕES:

- Foram apontadas, como razões para exercer atividades: aplicar o potencial adquirido ao longo da carreira em atividades condignas com o posto (Oficiais Gerais e Oficiais Superiores); evitar a sensação de inutilidade e os males da ociosidade; melhorar os

rendimentos para atender a contingências econômicas; exercer atividade anteriormente desenvolvida, pessoalmente, por familiares, ou amigos;

- foram consideradas razões para não exercer atividades: certeza da inadaptação a qualquer outra atividade no meio civil; maior atenção aos familiares; falta de especialização para desempenhar atividades condignas com a idade e posto/graduação, no meio civil (Oficiais QAO e Praças);

- observa-se que as principais razões para o exercício de outra atividade podem ser reunidas em dois grupos. Um subjetivo, visando à ocupação do tempo, indispensável para que a nova etapa tenha sentido e mereça ser bem aproveitada. Outro material, em busca de melhoria de rendimentos, o qual, após o dispêndio de mais de três décadas de dedicação ao Exército e a Pátria, não deveria existir. Apesar da sua importância, o problema não será abordado com maior profundidade;

- em relação às motivações para o não exercício de atividades, o último item registrado (falta de especialização) será abordado adiante. Os demais já foram considerados.

As respostas ao quesito "Ocupa o seu tempo com:", apresentaram o seguinte resultado, tabulado na página seguinte:

O MILITAR DA RESERVA REMUNERADA E A INATIVIDADE

	Of Gen %	Of Sup %	Of QAO %	Praças %
Voltado à família (esposa, filhos, netos etc.)	78	64	100	100
Atividades remuneradas	44	61	20	20
Atividades intelectuais (ler, escrever)	67	54	37	30
Atividades Assistenciais	33	20	12	—
Atividades político-partidárias	—	03	06	—
Atividades ligadas a cursos militares realizados	22	26	12	—
Atividades clubísticas (diretoria, colaborador etc.)	11	35	36	20
Lazer (viagens, esportes, reuniões sociais)	38	47	39	20
Outras (<i>hobby</i> , religião etc.)	11	06	—	—

OBSERVAÇÕES:

- A maior ocupação do tempo voltada para os familiares deu-se, em índices mais elevados, entre os Oficiais QAO e as Praças, do que entre Oficiais Gerais e Oficiais Superiores;
- a ocupação do tempo com atividades político-partidárias é praticamente nula, demonstrando que a formação apolítica do militar persiste na reserva;
- as demais atividades visam, a critério de cada um, à simples execução

de tarefas para ocupar o tempo disponível.

O importante é que, em síntese, a sadia ocupação do tempo preserva o valor pessoal do inativo. Qualquer atividade que ele exerça acaba se transformando em metas e objetivos, que podem ser alcançados. Daí, decorre a satisfação pessoal e o bem viver na inatividade.

As respostas à pergunta referente as "formas de ligação do Militar da Reserva Remunerada com o Exército" apresentaram o seguinte resultado:

	Of Gen %	Of Sup %	Of QAO %	Praças %
Procura manter ligações com o passado profissional	87,5	75,6	56,0	20,0
Lê e se interessa por assuntos militares atuais e vinculados ao Exército	87,5	65,8	57,4	30,0
Seu círculo de amizade é predominantemente formado por militares da reserva	87,5	72,4	65,6	70,0
Procura manter contato com ex-companheiros	100,0	86,8	86,8	80,0
Sente saudades da caserna	87,5	78,5	86,8	70,0
Numa roda de amizade, as conversas convergem para assuntos dos velhos tempos ou relativos ao Exército	75,0	56,0	64,4	80,0
Sua conduta (pontualidade, assiduidade etc.) não se alterou	100,0	84,0	78,4	50,0

OBSERVAÇÕES:

• Percebe-se claramente que, de modo geral, os militares da reserva remunerada permanecem ligados, de forma cerrada, à Instituição. Não poderia ser diferente, em virtude das características tão peculiares da carreira das armas e do longo período de permanência no serviço ativo;

• em relação às Praças, nota-se o pequeno índice nos dois primeiros itens do quadro. Pode-se afirmar que as características deste universo, a notória dificuldade de acesso às ações consideradas e o tipo de relacionamento, um tanto distante, oferecido pela Instituição, induziram os entrevistados a

colocar o aspecto considerado em segundo plano, entre seus interesses e motivações. Quando colocados em situações mais favoráveis, a ligação com o Exército é mantida, segundo os índices registrados nos demais itens.

OS NOVOS RELACIONAMENTOS

Ao ingressar na reserva remunerada, o militar se vê diante de situações inusitadas. Surgem novos relacionamentos e modificam-se outros.

Seu "quartel" passa a ser a Seção de Inativos e Pensionistas (SIP), com a qual prossegue sua ligação com o Exército, de forma intermitente.

Visitando uma OM, a convite ou voluntariamente, já não o faz fardado, o que não o identifica, aos olhos de todos, como militar.

No relacionamento com militares da ativa, há certo clima de diferença e separação.

Vejam a reação dos inativos quanto ao relacionamento com esses segmentos e com a sociedade civil.

Com a SIP ou Órgão Similar

As SIP, localizadas nas sedes das Regiões Militares, e os órgãos similares, existentes nas demais guarnições, são os responsáveis pelo contato técnico do militar inativo com a Instituição. Elas exercem controle sobre ele através de uma apresentação anual, prestam informações e esclarecem dúvidas sobre assuntos de interesse dos inativos, quando necessário.

O atendimento dispensado nesses Órgãos foi conceituado da seguinte maneira: Muito Bem (27%); Bem (48%); Regular (13%) e Insuficiente-Ruim (12%).

OBSERVAÇÕES:

- Algumas afirmações dos pesquisados: eficiente; não tenho queixas; sou sempre recebido por um funcionário civil que me atende com toda a atenção; como antigo companheiro da caserna; nas poucas vezes que fui à SIP, fui muito bem atendido; normal. Sempre encontro consideração, atenção e eficiência; em todas as ocasiões, recebi o tratamento adequado; formal, simplesmente formal; lá, sou um nome na

lista; o pouco que recebo é satisfatório; atencioso e respeitoso; o tratamento é formal, embora não seja hostil, está longe de ser agradável; regular; o inativo é tratado com pouca consideração; indiferente, demonstrando despreparo e falta de motivação em atender;

- verifica-se que o relacionamento, em geral, é bom, devendo permanecer em vigor a sistemática atual. Os problemas podem ser solucionados (como de fato o vêm sendo) através da adequada seleção e preparação funcional e intelectual dos integrantes desses órgãos; da descentralização no atendimento, particularmente nas grandes guarnições, mediante a criação de postos; do estabelecimento de locais, horários e dias específicos para os diversos círculos existentes na hierarquia militar, principalmente para as guarnições com elevado número de inativos; do aproveitamento de militares da reserva remunerada para exercerem funções nesses órgãos.

Quando em Visita a Organização Militar

A consideração da pesquisa indicou que o tratamento dispensado pelas diversas OM aos inativos é considerado de "Bem" para "Muito Bem".

Os problemas levantados, de baixa significância, referem-se ao uso do crachá de visitante, ou acompanhamento de um soldado armado, nos deslocamentos no interior do quartel, e ao descaso percebido pela não-prestação da saudação militar devida, após sua identificação.

São facilmente corrigidas pela realização de instruções (recomendações) nas OM, e por um crachá que destaca o posto ou graduação do visitante.

Com os Militares da Ativa

A maior parte dos pesquisados afirmou ser vista com respeito, amizade, atenção, camaradagem e companheirismo, principalmente quando reconhecidos.

Mesmo com esse quadro positivo, o relacionamento não é o ideal. Persiste, ainda, certo distanciamento provocado por motivações pessoais, aspirações distintas e, particularmente, pelo pouco valor que é dado ao problema comum, a inatividade.

Esses fatores, e outros não citados, provocam ressentimentos.

Algumas afirmações coletadas exemplificam como o inativo se sente tratado pelo companheiro da ativa: como "carta fora do baralho"; com indiferença respeitosa; como um excluído; o da ativa não sabe que amanhã passará para a reserva e irá receber o mesmo tratamento que hoje nos dá; para alguns da ativa, somos uns velhos perguntando por aumento e contando estórias.

A adoção de adequada política de preparo para a inatividade possibilitaria o sadio relacionamento, e o presente compreenderia o amanhã.

Com a Sociedade Civil

Curiosamente, a pesquisa indicou que a sociedade civil não faz distinção entre o militar da ativa e o da reserva.

Considera-os simplesmente militares, mantendo inalterado o tratamento a eles dispensado anteriormente.

A PREPARAÇÃO PARA A INATIVIDADE

As respostas às perguntas do questionário referentes a esse tópico apresentaram o comportamento seguinte:

Ao passar para a inatividade, o senhor conhecia perfeitamente a legislação correspondente?

— Não, 34%. Sim, 66% (86% por iniciativa própria e 14% através de instruções e palestras).

O Exército preparou-o, durante o serviço ativo, para a inatividade?

— Não, 80%. Sim, 20% (33% através da legislação; 17% por meio de instruções e palestras e 50% mediante o desempenho de funções aproveitadas na reserva).

O senhor pessoalmente preparou-se, ao longo da carreira, para a inatividade?

— Não, 56% (47% não se questionaram sobre o assunto; 42% estiveram internamente absorvidos pela profissão e 11% encararam a inatividade como fato normal, sem necessidade de preparação específica). Sim, 44% (48% através de preparo psicológico próprio; 27% pela realização de cursos civis; 18% mediante a aquisição de imóveis e 7% por contatos com outros companheiros da reserva).

OBSERVAÇÕES:

• Nota-se, em relação à participação do Exército na preparação de seu efe-

tivo de carreira, que somente 9,8% dos pesquisados conheciam perfeitamente a legislação, e que 80% afirmou que a participação inexistiu. Isso alerta de forma clara e definida que a ação institucional para a inatividade é reduzida;

- Ressalte-se também pelas respostas apresentadas que 69,7% dos pesquisados não se prepararam psicologicamente para a inatividade, e somente 18,3% o fizeram materialmente;

- a falta de uma adequada preparação, como os resultados demonstram, origina desajustamento, inadaptação e outros problemas circunstanciais, considerados denominadores comuns;

- a preparação individual, não referida neste trabalho, depende, fundamentalmente, de critérios e valores pessoais. Quanto à institucional, motivo deste tópico, o papel a ser desempenhado pelo Exército será o de estimular e facilitar a ação individual. Não do tipo paternalista, mas sim orientador que permita o preparo conveniente para a reserva remunerada;

- o problema da inatividade deveria ser considerado como um todo, desde o início da profissão até o desaparecimento físico do militar.

A fim de atender a esse *desideratum* foi estabelecida uma proposta⁹ contendo três etapas sequenciais:

1.^a — Preparo para a Inatividade

Inicia-se nas escolas de formação e

evolui por 25 anos ao longo da carreira para proporcionar uma orientação quanto ao desenrolar profissional, os aspectos psicológicos da inatividade e os cuidados e arranjos econômicos necessários para o bem viver o pós-serviço ativo. É o alicerce do desenvolvimento das outras etapas e não reduz a motivação e a importância do desempenho profissional, não o transformando numa corrida para a reserva remunerada.

Ações a realizar: palestras e instruções, pecúlio para a construção ou aquisição da casa própria, equivalência de cursos, atitude humanística, extrato do desempenho, cursos e estágios em estabelecimentos de ensino e empresas civis, integração com o meio civil e desenvolvimento da cultura.

2.^a — Execução para a Inatividade

Concretizada após os 25 anos de efetivo serviço até o ato de passagem para a reserva remunerada. Consolida as atividades já desenvolvidas e oferece um sadio ingresso na inatividade.

Ações a realizar: prosseguimento do pecúlio, extrato do desempenho profissional, integração com o meio civil, palestras e cursos, desenvolvimento da cultura, QA ao Generalato e Legislação.

3.^a — Inatividade, propriamente dita

Executada no período entre o ato formal de despedida do serviço ativo e o desaparecimento físico do militar, mediante uma assistência social, psicológica e moral.

O grande objetivo e decisivo papel do Exército é fazer o inativo sentir-se

⁹ O detalhamento das ações, desde a formação até a inatividade propriamente dita, foi omitido, por questão de espaço.

integrado e adaptado a essa nova situação de vida.

Ações a realizar: comunicação social, Legião dos Veteranos, assistência à saúde, aproveitamento para o serviço ativo, integração ativa-reserva, Dia do Veterano, etc.

O APROVEITAMENTO INSTITUCIONAL VIGENTE

Atualmente, o aproveitamento do militar inativo está regulado pelo Decreto n.º 88.455, de 04/07/1983, que dispõe sobre a designação para o serviço ativo de militar da reserva remunerada das Forças Armadas, e pela Portaria Ministerial n.º 190, de 07/03/1984, a qual estabelece, no âmbito do Ministério do Exército, as Instruções Gerais para o Aproveitamento de Militares da Reserva Remunerada (IG 10-63).

Considerando o engajamento do Exército no Programa de Reaparelhamento da Força, o reacompletamento das OM, sabidamente carentes em efetivos experientes e capazes, aponta para o aproveitamento da reserva remunerada como uma das opções válidas para o preenchimento de funções qualificadas.

Sendo medida administrativa de cunho complementar e temporário, a convocação e a designação apresentam-se como instrumentos válidos.

A Lei do Serviço Militar (LSM), com suas inúmeras finalidades, chama os brasileiros para a prestação do serviço militar, em qualquer de suas fa-

ses, na paz ou na guerra, pela convocação.

A designação é o ato¹⁰ pelo qual os militares da reserva remunerada, em tempo de paz, independente de convocação e em caráter transitório e voluntário, retornam ao serviço ativo. Efetua-se quando for necessária a utilização de conhecimentos técnicos e especializados e quando inexistir, no serviço ativo, militar habilitado e disponível para exercer um cargo vago.

Atende às seguintes condições e finalidades: aumento da eficiência do Exército; inequívoca necessidade do serviço; caráter excepcional; emprego nas atividades meio e complementar; preenchimento de claros onde sejam exigidos conhecimentos especializados ou notório saber profissional; destinação específica; manutenção da continuidade funcional; compatibilidade do posto ou graduação do militar com o cargo a ocupar; harmonia com os sistemas de promoção e movimentação de pessoal e inserção dentro do novo contexto de racionalização estrutural do pessoal do Exército e análise de função.

O proposto à designação deve: possuir notório saber e comprovada experiência na função para a qual será designado; ser considerado apto em inspeção de saúde; vir a preencher uma função ou cargo específico, em guarnição determinada, de livre opção do militar; ser designado para um período

10 A designação é um ato administrativo de iniciativa do Ministério do Exército. Não cabe, portanto, requerimento de militar interessado na própria designação. (N. do Autor.)

de dois anos, que poderá ser renovado; ter no máximo dois anos a menos que a idade-limite para a reforma no posto ou graduação correspondente; não estar sujeito a movimentação quando exercer tais funções.

Ele terá direitos e deveres idênticos aos militares da ativa e poderá requerer o retorno à reserva, após decorrido um ano da apresentação pronto para o serviço.

O Departamento-Geral do Pessoal (DGP) centraliza a sistemática desse aproveitamento, incluindo designação, prorrogação e dispensa.¹¹

Apesar de possuir os mesmos direitos, deveres e obrigações dos militares da ativa, inclusive quanto ao uso de uniformes, insígnias, emblemas e promoção *post-mortem*, o designado não concorre às promoções previstas para o pessoal de carreira, às substituições temporárias e às missões no exterior de caráter permanente.

A legislação em vigor enumera o direito aos seguintes benefícios: remuneração mensal nunca inferior aos ganhos da inatividade; ajuda de custo, passagens e transporte da bagagem, se for o caso; auxílio fardamento se há mais de um ano na reserva; contagem de tempo de serviço para recebimento de anuênios, reajustamento do adicional de inatividade, melhoria de pensão militar; concorrer, normalmente, a ocupação de PNR; alimentação, se for o caso; gratificações especiais, con-

forme a função; férias, afastamento temporário, como instalação, trânsito, luto e núpcias; licenças para tratamento de saúde; transporte administrativo, de acordo com o cargo e as normas da OM; transferência dos dependentes, de acordo com as disposições legais vigentes, em relação a educação e atividade profissional.

O militar nessas condições, como em exercício de comissão de natureza militar, é agregado. Passará a figurar no registro do Ministério do Exército, sem número, no lugar que lhe couber na precedência militar e com a indicação "Da reserva remunerada designado para o serviço ativo".

A designação ocorrerá para o exercício das seguintes áreas de atividades:

- Administrativas: pessoal, material, financeira, patrimonial e outras;
- Operacional: operações e instrução, informações e outras;
- Ensino (administração e execução do ensino, e pesquisa e desenvolvimento da doutrina): assistencial, formação, aperfeiçoamento, altos estudos e outras;
- Científica e Tecnológica: administração, projetos, produção, segurança e outras;
- Informática: programação, análise e outras;
- Saúde: medicina, odontologia, farmácia e outras;
- Comunicação Social: relações públicas, imprensa, propaganda, redação e revisão, e outras;
- Cultura: museologia, biblioteconomia, arquivologia, pesquisa histórica, música, desenho e outras.

Em consequência, a designação po-

¹¹ Sendo militar Of Gen, sua designação será efetuada pelo Presidente da República e nos demais casos, dar-se-á pelo Ministro do Exército. (N. do Autor.)

derá ser proposta para órgãos de direção geral ou setorial, apoio e assessoramento; comandos militares de área; comandos de Regiões Militares; parques, depósitos, hospitais, policlínicas; laboratório químico-farmacêutico do Exército, circunscrições do Serviço Militar e delegacias do Serviço Militar.

A dispensa ocorrerá “a pedido” ou “ex-officio” (por conclusão do prazo a que se obrigou a servir na ativa; por terem cessados os motivos da designação ou por interesses da administração a qualquer tempo; por ter sido julgado incapaz para o serviço, em inspeção de saúde realizada por Junta Militar de Saúde).

A legislação vigente praticamente engloba todos os aspectos da designação. O militar da reserva remunerada deveria ter, entretanto, prioridade para o desempenho de funções junto à DIP, SIP e órgãos correspondentes.

Poderia ser empregado, informalmente, em prol da eficiência do Exército e maior economia de meios, participando de palestras, seminários e simpósios, onde pudessem transmitir experiências e conhecimentos aos integrantes da ativa. Em unidades de tropa, poderia participar da instrução de Quadros e na formação de Oficiais da Reserva de 2.^a Classe.

Para isso, os Comandos Militares de Área providenciariam um cadastro, contendo a relação dos selecionados pela conduta profissional, quando na ativa, e por área de conhecimento e de habilidade em que se destacaram. Ele seria a base para um contínuo e sistemático emprego nas atividades de

ensino e instrução, entre outras.

Os militares convidados sentir-se-iam prestigiados e integrados ao Exército, produzindo-se efeito multiplicador positivo.

Um fator motivador, traduzido por vantagem pecuniária, foi resolvido recentemente, com a concessão de 30% do soldo como pró-labore.

CONCLUSÃO

O militar da reserva remunerada teve sua formação e sua carreira lastreadas em um esmerado processo educacional, e dedicou-se, de corpo e alma, à Instituição por mais de trinta anos de efetivo serviço, em média.

Por características, valores, espírito-de-corpo e vicissitudes da profissão, ele passa a formar, no contexto da Força, um grupo social distinto dos demais. Essa distinção se consolida e se expande para seus dependentes.

Esta é uma consideração que não pode ser desprezada, na busca de solução para os amplos problemas que envolvem o final de carreira do militar.

A atividade profissional militar tem decurso próprio, com a parcela mais antiga passando, automaticamente, à inatividade.

Nesse exato momento surge a etapa mais crítica da carreira. Trata-se do retorno ao convívio de valores antes abandonados, da perda do *status* até então usufruído, do aparecimento da ociosidade, do saudosismo, da temida sensação de vazio. Muitos não conseguem, nem de imediato e nem a longo prazo, uma perfeita adaptação a essa

fase. Surgem problemas pessoais, que podem atingir toda a estrutura familiar.

É comum ouvir-se “a vida militar é um sacerdócio”, decorrente da semelhança de traços encontrados nas atividades castrense e confessional. Sem irreverência, dir-se-ia que, quando o profissional militar amplia ao máximo sua área de “catequese” e chega na plena e consciente conversão das “almas gentias”, lhe é imposta a inatividade por circunstâncias regulamentares.

Não se pode afirmar que a vida do profissional militar reproduza uma curva normal, de cuja escalada resulta um declínio harmonioso. Não! Via de regra, da ordenada máxima, o topo da carreira, ele tomba no raso da abscissa mínima. Desprende-se, da glória para o esquecimento.

A constatação, ao encerrar a carreira, de que se chega ao fim da vida como um derrotado é uma experiência por demais amarga para ser aceita. Daí decorre a prostração, a mágoa, a sensação de abandono, o definhamento, a sensação de ter vencido a batalha das armas sem aproveitar-lhe o êxito.

Há exemplos dos que são bem sucedidos na reserva remunerada. Eles porém não representam a regra e sim a exceção. São profissionais que, de alguma forma particular, se prepararam ou tiveram a oportunidade de encontrar um caminho opcional. É uma minoria, quase uma insignificância em relação ao universo.

É imprescindível reconhecer que, no serviço ativo, a maioria não se pre-

para apropriadamente para esse inevitável fim.

A passagem à inatividade apresenta-se para muitos como a “hora da morte”, razão pela qual se evita pensar no assunto, e não se planeja a vida de forma adequada, quando, se racionalmente analisada, serviria de ponto de referência para a estruturação de um futuro condigno.

Fundamentado em coleta e pesquisa de campo, podemos afirmar que:

- existe o problema institucional de minimização da importância da reserva remunerada, que se reflete em privação subjetiva;

- subsistem os despreparos, institucional e individual, que impedem a condução harmoniosa do militar à situação de inatividade;

- há outras variáveis que se refletem negativamente sobre o pessoal inativo.

Somente a adoção de uma eficaz política de preparação do profissional de carreira para a inatividade, a partir das escolas de formação, possibilitaria a tomada da necessária consciência individual e institucional.

Essa preparação, durante o serviço ativo, colocaria em prática inúmeras ações, dentre as quais a formação de pecúlio para construção ou aquisição da casa própria, a equivalência de curso militar e civil, a formação de uma atitude humanística, a integração com o meio civil, o desenvolvimento da cultura e a realização de instruções, palestras e cursos. Com ela, o militar ficaria a par do futuro e das dificuldades de adaptação que encontrará, cabendo-lhe raciocinar sobre as alter-

nativas que promovam um espontâneo e sadio amanhã.

A Instituição deveria também buscar soluções, pela recusa à antinomia "atividade-inatividade", considerando as duas situações aspectos de um mesmo conjunto.

A inatividade é tão real quanto a atividade. Esta condição precede àquela e dá seqüência à outra. É um processo linear e inevitável. Ao se refletir sobre o problema deve-se equacioná-lo em função desse processo, procurando valorizar o militar inativo que, em última análise, foi o responsável pelo Exército tal como o profissional da ativa o encontrou. O que foi realizado é obra dos que lhes passaram o "bastão".

Nesse sentido o Exército manteria, com os militares já na reserva remunerada, um estreito vínculo pela execução de outras ações, ligadas ao emprego sistematizado da comunicação social, à assistência à saúde, ao atendimento administrativo, ao aproveitamento e à integração ativa-reserva.

Uma doutrina institucionalizada eli-

minaria futuramente quaisquer arestas entre os dois segmentos e permitiria um perfeito ajustamento e permanente integração do inativo com o Exército.

Deve ficar claro que o objetivo dessa orientação não é o enaltecimento oco da inatividade. Esta não deve ser entendida como um fim, mas como uma outra etapa da vida profissional, em que seus integrantes devem estar aptos à convocação, designação e mobilização, se situações excepcionais exigirem.

Parte importante desse desfecho consiste em se adotar, de imediato, apesar das dificuldades existentes na atual conjuntura, as medidas e ações factíveis, que minimizem os problemas que envolvem o assunto explanado.

Em suma, a inatividade deve ser vista como um justo e merecido prêmio pelo desempenho, dedicação e cumprimento do dever.

A "alma" do militar da reserva remunerada, homem que livremente aceitou a profissão das armas, sempre escravo, orgulhoso e satisfeito com a sua servidão, não tem nada valioso na vida, senão o reconhecimento.



Brasileira (1991).

EMIR BENEDETTI — Major de Artilharia da Turma de 1975 da AMAN. Diplomado pela EsNI (Curso de Informações, categoria C-1), pela EsAO (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) e pela ECEME (Curso de Comando e Estado-Maior). É bacharel em Administração Pública e Privada pela CEUB (Brasília, DF). Possui o Curso de Introdução às Relações Internacionais da UNB (Brasília, DF). Na ECEME participou dos simpósios: *Estratégia Aplicada (1990)*, *As Lições da Guerra do Golfo (1991)* e *A Amazônia*